GT: História da Educação e Estrutura Educacional.

ARQUITETURA, PROGRAMAS E ROTINAS: UMA HISTÓRIA DOS MECANISMOS DE DISCIPLINA, CONTROLE E PROTEÇÃO NA ESCOLA

Francisco de Assis Mendes[1]

RESUMO: Esse texto propõe uma discussão das formas como a estrutura física da escola, a rotina e algumas diretrizes de programas educacionais se constituem em instrumentos de disciplina, controle e mesmo proteção dos alunos. Nessa perspectiva a escola é enxergada não só como lugar de processos de ensino aprendizagem, de desenvolvimento da criatividade e de construção de conhecimentos, como também, lugar onde mecanismos e práticas operam na formação de sujeitos adaptados aos mundos do trabalho e as regras do viver em sociedade. Além de envolver a análise de plantas arquitetônicas e funcionalidade de espaços físicos da escola, consideramos a gênese da estrutura educacional no período colonial e diretrizes do Ministério da Educação que regem o programa Escola em tempo integral. Utilizando conceitos como cultura escolar, disciplina, controle social e panoptismo, procuramos demonstrar o caráter disciplinador e de controle presentes na estrutura educacional do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Controle. Proteção.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto é estabelecer níveis de compreensão sobre o caráter da disciplina e controle presentes na cultura escolar que se revelam na funcionalidade dos espaços e dos modelos arquitetônicos das escolas, como também nas práticas, rotinas e diretrizes de programas de ensino. Para tanto, um breve balanço permitiu remeter a processos históricos que contribuíram para o surgimento de um viés autoritário em setores da sociedade e nas instituições, fazendo repercutir, ainda hoje, no âmbito escolar.

A metodologia envolveu a utilização de plantas escolares para demonstrar como se evidenciam, nessa arquitetura, estratégias de controle de seus ocupantes/usuários. Nesse sentido o edifício escolar é visto como um espaço racionalizado, utilitário, e como meio para facilitar a vigilância de muitos por poucos através do princípio panóptico ou de inspeção central desenvolvido por Bentham no século XVIII, e reinterpretado por Foucault (1987). A ciência moderna esteve por

[1] Professor da Rede Pública em Limoeiro do Norte. Doutorando em História na Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: profmsmendes70@gmail.com.

trás do surgimento e aplicação dos princípios do panoptismo durante o esforço de ordenamento e disciplinarização dos espaços e dos indivíduos no contexto de formação da sociedade industrial. A princípio elaborados para o funcionamento de prisões, hospitais, quartéis, entre outras, acabaram utilizados no âmbito da instituição escolar.

Para além dessa análise da dimensão concreta dos espaços escolares, a metodologia ainda explorou rotinas escolares, analisando situações diversas onde se apresentam elementos ordenadores dos alunos, por vezes extensivos aos docentes. É nesse sentido que as diretrizes, a rotina e os currículos inseridos no Programa Escola de Tempo Integral são aqui considerados como estratégias de uma formação que condiciona os indivíduos ao mundo do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola no Brasil conserva traços de uma das características da modernidade, qual seja, o cientificismo racional que do alto tudo nomeava e ordenava. A ciência moderna europeia muito serviu aos exploradores, ajudando-os na difícil travessia do Atlântico e depois na conquista dos povos que encontraram nas "novas terras." Teorias raciais foram utilizadas para legitimar a superioridade do branco europeu sobre indígenas e africanos, impondo a escravização, a conquista e exploração. Foi essa ciência que deu o estatuto de civilizado ao conquistador enquanto negava a humanidade aos indígenas e negros, estabelecendo uma hierarquia entre desenvolvimento e atraso, determinando o lugar dos dominantes e dominados, com os primeiros procurando exercer o poder e incumbidos da "sagrada missão" de civilizar os povos "sem alma" habitantes do "Novo Mundo".

Como outras instituições que ganharam corpo com a modernidade, a escola carregou esse caráter autoritário e disciplinador que chegou ao Brasil colônia com os primeiros jesuítas no ano de 1549, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega. Sabemos que a missão desses religiosos não era apenas catequizar os povos nativos, havia outro projeto por trás das práticas de educação direcionadas aos indígenas. Ou seja, ao mesmo tempo a escola jesuíta buscava a conversão dos gentios ao cristianismo, bem como, a formação de "novos" sujeitos, falantes da língua do colonizador e adaptados aos costumes do homem branco, sobretudo ao trabalho.

Em nossa nação o autoritarismo foi aprofundado por experiências políticas e sociais em períodos históricos distintos. Durante o Brasil colônia o caráter autoritário se expressava numa hierarquização com base na raça, religião, cor e posição social. Em 1889 o regime imperial foi derrubado, dando lugar a governos liderados por militares durante o período conhecido por "República da espada" que, como o termo sugere, levou adiante o viés autoritário e discriminador das camadas menos favorecidas.

No século XX o país sucumbiu à governos ditatoriais caracterizados pelo profundo autoritarismo estatal. As experiências antidemocráticas desses períodos contaminaram as instituições e reverberam na forma como muitas atuam até hoje. Por sua vez, parte da sociedade se mostra autoritária em suas ações cotidianas, e nos últimos anos tornou-se evidente que essa parcela encontrou espaço na representatividade política nacional.

A internalização da disciplina e do controle se dá através da incorporação de comportamentos, assim, é uma operação que pode se dar no campo da subjetividade. No entanto, a dimensão exterior ao sujeito é fundamental nesse processo, pois, a espacialidade pode contribuir para o controle de indivíduos ou grupos, direcionando seus fluxos, movimentos e ações. Assim, iniciaremos tentando compreender como uma estrutura construída pode contribuir no processo disciplinador.

O PANÓPTICO NA ESTRUTURA FÍSICA DAS ESCOLAS

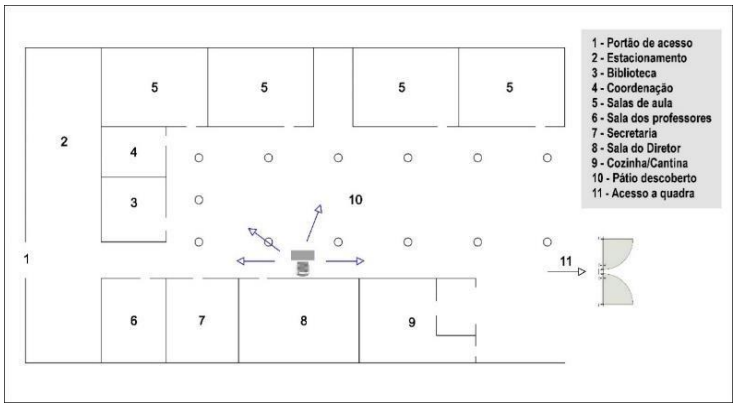
Como já exposto, a escola enquanto instituição ganhou corpo com a modernidade. Entre os séculos XVII e XIX se estabeleceu o ensino público obrigatório, os edifícios para esse fim, sistemas educacionais, currículos e professores preparados para a missão de ensinar. Nesse cenário, a escola se revestiu do mesmo racionalismo científico que também procurou organizar um modelo de sociedade pautada no trabalho, no "tempo útil", formada por indivíduos disciplinados e capacitados para o progresso, e assim emergia a sociedade industrial.

As transformações culturais que acompanharam o processo de industrialização tiveram na disciplina do tempo um de seus aspectos mais marcantes e suscitaram diversas formas de resistência. As fábricas só seriam produtivas se operadas por trabalhadores disciplinados e comprometidos com o tempo útil. A necessidade da formação desse novo indivíduo que sustentaria a sociedade industrial ampliou a percepção de importância do ensino que foi reorganizado e se caracterizou pela preocupação com o ordenamento que imprimia regras e controle aos alunos. De acordo com Michel Foucault (1987), nesse contexto, o mesmo ordenamento direcionado a outras esferas da vida social marcou a sistematização do ensino e adentrou a escola, por vezes influenciando a própria postura do professor diante do aluno e do processo de ensino.

Nesse sentido, na obra "Pedagogia da autonomia, Freire (1996) ressaltou que o mandonismo docente não consegue colher nenhuma criatividade do educando. Mais radical foi a crítica de Ivan Illich (2018) que também via a disciplina escolar como arbitrária e como obstáculo para a autonomia e criatividade. Diante disso defendia o ensino não institucionalizado que poderia se dar, por exemplo, através de interações em redes comunitárias, longe do controle estatal.

Sobre essa vigilância remeto a instituição onde meus filhos estudavam. Ao chegar a essa escola encontrei o diretor sentado em sua cadeira com sua mesa a frente. Nada incomum se o birô e seu assento não estivessem colocados no corredor externo, próximo a porta da sala da direção. Logo compreendi que se tratava de uma localização estratégica, adotada por ele com o objetivo de obter um campo de visão mais amplo, melhorando sua vigilância dos espaços escolares e dos passantes. A escola foi construída na década de 1990, com portão único que facilitava o controle de entrada e saída. As galerias de salas estão dispostas em linha reta, não correspondendo a estrutura em formato circular. No entanto, os longos corredores, e o vão livre do pátio central entre as galerias de salas permitiam ao diretor aplicar o panoptismo – princípio da vigilância central - no ambiente escolar.

Imagem 1: Planta da escola Inácio de Barros Neto, Russas, CE.



Fonte: Planta produzida por Patrick Mendes. Arquivo pessoal. Francisco Mendes, 2025.

Com sua cadeira colocada na galeria, ao lado de sua sala (nº 8), o diretor visualizava desde o portão de entrada e saída, os pavilhões de salas, o pátio, e até o acesso à quadra de esportes. A necessidade de estar fora de sua sala para ter o campo de visão ampliado deixava-o exposto, mas não era necessariamente uma desvantagem, uma vez que, sendo visto por qualquer um que circulasse pela escola, fazia a todos saberem que na parte exterior dos ambientes fechados haviam olhos vigilantes que a tudo e a todos alcançava. Mesmo nas escolas modelo projetadas pelo Ministério da Educação – MEC, também é possível identificar uma arquitetura da vigilância e controle.

Por fim, é importante destacar a validade do discurso de proteção social criado pelo Estado para justificar o programa de Educação Integral, colocando a escola como "lugar seguro" para crianças e jovens que vivenciam situações de vulnerabilidade social. Em outra perspectiva, podemos enxergar no modelo de escola integral, estratégias de formação para o trabalho. Elas estão no currículo voltado a formação técnica e profissional, como também na rotina dos alunos e alunas que, ao permanecem o dia inteiro na escola, estão sendo adaptados ao tempo da jornada de 8 (oito) horas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa abordagem foi no sentido de enxergar a escola como instituição multifacetada, onde a função primeira do ensinar e aprender não se separa das múltiplas estratégias que buscam formar o sujeito ideal. Nesse sentido, é necessário questionar os modelos de educação vigentes e qual o sujeito ideal eles tentam formar. Ponderar se há neles uma proposta de sociedade capaz de romper com a lógica capitalista do lucro, alienação e destruição do planeta, ou se estão a serviço da reprodução dessa lógica.

Desse modo, observados mecanismos autoritários e controladores no ambiente e na cultura escolar, concluímos que é necessário avançar no sentido de uma pedagogia libertadora, que torne possível a autonomia e a compreensão crítica do mundo. Desse modo, superar o que Freire (1987) chamou de "educação bancária," possibilitando romper com estruturas que visam a reprodução da lógica vigente para buscarmos outros futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. F86v **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

O Panóptico / Jeremy Bentham... [et al.]; organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. -- 2. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.